

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

OS ENREDOS DAS ESCOLAS DE SAMBA COMO PRODUÇÃO DOCUMENTAL DECOLONIAL

THE SAMBA SCHOOL PLOT AS DECOLONIAL DOCUMENTARY PRODUCTION

Lucas Mizumoto – Universidade Federal Fluminense (UFF)

Raquel Luise Pret – Universidade Federal Fluminense (UFF)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este trabalho analisa os enredos das escolas de samba como processos de produção documental e preservação da memória social, à luz de abordagens críticas e decoloniais na Ciência da Informação. O objetivo é compreender de que forma a construção dos enredos, que articula elementos sonoros, visuais e performáticos, pode ser reconhecida como prática documental que tensiona o cânone historiográfico dominante e valoriza epistemologias periféricas. A pesquisa adota metodologia qualitativa, descritiva e interpretativa, fundamentada em revisão bibliográfica e análise teórica da dinâmica de produção dos enredos enquanto dispositivos de registro e transmissão de saberes. Os resultados indicam que os enredos ultrapassam a dimensão efêmera do desfile, funcionando como registros culturais que preservam narrativas contra-hegemônicas e reafirmam identidades negras e periféricas. Conclui-se que, apesar dos tensionamentos internos nas agremiações, os enredos representam estratégias de resistência cultural e de legitimação de memórias subalternizadas, ampliando as possibilidades de estudo do documento na Ciência da Informação.

Palavras-chave: enredo de escola de samba; organização do conhecimento; decolonialidade.

Abstract: This paper analyzes the samba school plots as processes of documentary production and preservation of social memory, based on critical and decolonial approaches in Information Science. The aim is to understand how the construction of plots, which articulates sound, visual, and performative elements, can be recognized as a documentary practice that challenges the dominant historiographic canon and values peripheral epistemologies. The research adopts a qualitative, descriptive, and interpretative methodology, grounded in bibliographic review and theoretical analysis of plot production dynamics as devices for recording and transmitting knowledge. The results indicate that plots go beyond the ephemeral dimension of the parade, functioning as cultural records that preserve counter-hegemonic narratives and reaffirm Black and peripheral identities. It is concluded that, despite internal tensions within the associations, samba school plots represent strategies of cultural resistance and legitimization of subaltern memories, expanding the possibilities of studying documents in Information Science.

Keywords: samba school plot; knowledge organization; decoloniality.

1 INTRODUÇÃO

As abordagens críticas na Ciência da Informação (CI) têm refletido sobre seus objetos e as abordagens realizadas pelo campo. Nas últimas quatro décadas, autores como Michael

Buckland (1991) e W. Boyd Rayward (1994), considerados neodocumentalistas, passaram a questionar os limites tradicionais da compreensão de documento, associada ao suporte material e à escrita formal.

Buckland (1997) propõe que “qualquer coisa pode ser um documento se for intencionalmente feita ou percebida como evidência” (Buckland, 1997, p. 805), deslocando o foco da materialidade para as funções sociais e culturais de registro, testemunho e comunicação atribuídas aos objetos. Para Buckland, o documento é relacional: torna-se tal na medida em que atua como evidência para alguém, em algum contexto.

Contudo, Buckland (1991) vai além ao apontar que o documento não apenas registra conhecimento, mas também pode atuar como registro do conhecimento sobre o conhecimento — isto é, um instrumento que, ao narrar, ordenar ou representar saberes, também produz uma reflexão e uma política sobre o que é legítimo ser conhecido, lembrado e comunicado. Ele escreve que “os sistemas de informação não apenas transmitem conhecimento, mas incorporam pressupostos sobre o que deve ser conhecido” (Buckland, 1991, p. 356). De modo semelhante, Rayward (1994) observa que os documentos participam de regimes culturais e institucionais de memória, funcionando como operadores daquilo que Michel Foucault (1969) chamou de “ordem do discurso”: eles são formas de organizar, classificar e validar os saberes dentro de uma determinada racionalidade histórica.

Hjørland (2002) também questionou a visão tradicional sobre documento e destacou que sua função não se resume em transmitir fatos, mas eles carregam as marcas das comunidades epistêmicas que os produzem e validam, sendo “expressões dos valores e interesses sociais dos grupos que os elaboram” (Hjørland, 2002, p. 258). Para Bernd Frohmann (2004), os documentos são “efeitos das práticas documentais” e, enquanto tais, constituem artefatos centrais na construção de regimes de visibilidade, exclusão e autoridade no campo do saber. Cláudia da Silva Ribeiro (2007) também enfatiza que o documento é um “artefato cultural polissêmico” que condensa tensões entre memória oficial e memória insurgente, funcionando como um campo de disputa simbólica e epistemológica.

É a partir desse horizonte que este trabalho propõe considerar os enredos das escolas de samba — narrativas históricas, poéticas, visuais, sonoras e corporais sintetizadas e encenadas durante os desfiles carnavalescos — como documentos no sentido neodocumentalista, isto é, como registros culturais que não apenas armazenam

conhecimento, mas que elaboram, disputam e performam saberes sobre o que foi escolhido para ser conhecido e lembrado.

María Laura Viveiros de Castro (1997), em sua etnografia do carnaval carioca, observa que o enredo organiza uma “pedagogia popular da memória”, funcionando como um espaço de ensino coletivo no qual saberes invisibilizados ou subalternizados são ressignificados e performados no espaço urbano. Para a autora, o desfile da escola de samba cria um campo semiótico multifacetado, no qual palavras, imagens, sons e gestos operam juntos para produzir conhecimento sensível, afetivo e corporificado (Viveiros de Castro, 1997, p. 68).

Esse entendimento é aprofundado por Leda Martins (2002), ao descrever o desfile como uma “escrivência performática”, conceito que articula memória, oralidade e performance enquanto tecnologias de inscrição de saberes afrodiaspóricos. Martins (2002) defende que o corpo, o ritmo, a musicalidade e o movimento no espaço público criam uma “oralitura”, uma escrita viva e insurgente que desafia os regimes logocêntricos da modernidade ocidental.

Assim, os enredos das escolas de samba podem ser interpretados como documentos performáticos e epistemológicos, inseridos em uma epistemologia de matriz afrodiaspórica¹, que, embora historicamente marginalizada, constitui uma rica forma de produção de conhecimento. Essa leitura se alinha aos estudos decoloniais, que problematizam as hierarquias epistêmicas herdadas da colonialidade do saber (Quijano, 2005; Mignolo, 2003) e reivindicam o reconhecimento de epistemologias outras, oriundas das experiências de povos racializados e subalternizados. Segundo Catherine Walsh (2009), a decolonialidade do saber implica “abrir espaço para a legitimidade de conhecimentos e práticas negadas ou invisibilizadas pela matriz colonial de poder” (Walsh, 2009, p. 24).

Deste modo, ao propor os enredos das escolas de samba como documentos que registram saberes sobre o saber — isto é, que narram histórias ao mesmo tempo em que

¹ Embora o conceito de epistemologia negra e a epistemologia afrodiaspórica tenham muito em comum — ambas partem da experiência e dos saberes de populações negras —, é importante esclarecer suas diferenças no escopo e no enfoque histórico-cultural. Quando Lélia Gonzalez (2020) fala sobre *amefricanidade* ou Sueli Carneiro (2011) sobre racismo epistêmico, elas estão falando de uma epistemologia negra situada no Brasil e na América Latina, dialogando com a realidade sociopolítica daqui. Já autores como Achille Mbembe (2020) abordam a condição contemporânea da África pós-colonização e sua diáspora. Ngũgĩ wa Thiong’o (2019) propõe a descolonização da mente e valorização das línguas, saberes e narrativas africanas. Portanto, autores abordam a epistemologia afrodiaspórica no âmbito do processo e suas consequências, ou seja, os saberes, memórias e produções intelectuais das comunidades negras espalhadas pelo mundo em razão do tráfico transatlântico de escravizados.

disputam os critérios sobre o que deve ser narrado —, este artigo busca contribuir para uma ampliação da própria noção de documento na Ciência da Informação, ao mesmo tempo em que evidencia a centralidade das epistemologias negras na produção de conhecimento sobre o Brasil. Tal abordagem revela que os desfiles não apenas contam histórias, mas performam saberes, tensionam regimes de memória e instituem políticas insurgentes do conhecimento, configurando-se como arquivos vivos de uma memória coletiva ancestral e contra-hegemônica.

Propomos então uma análise da produção dos enredos das escolas de samba como um processo de construção de conhecimento fruto das especificidades da comunidade epistêmica em que é desenvolvido. O enredo pode ser estudado, analisado e interpretado como um meio de acesso ao conhecimento e à cultura presentes na manifestação artística das escolas de samba. Portanto, considerando a definição mais ampla de documento, um enredo de escola de samba pode ser visto como um documento cultural, que preserva e comunica a história, a identidade e os valores de uma comunidade, além de oferecer um meio de transmissão de informações e entretenimento para o público em geral.

A presente pesquisa tem então por objetivo geral analisar até que medida os enredos podem ser vistos como um processo de produção decolonial de saberes. As agremiações como instituições que têm desde sua criação uma ligação forte com o povo negro e suas práticas religiosas e culturais acabam por exercer um papel de território de sociabilidades e afetos.

Assim, ao propor a análise do enredo carnavalesco como documento, esse trabalho procura oferecer a contribuição para a área da Ciência da Informação de expandir o entendimento de “documento” para além dos suportes convencionais, incorporando manifestações culturais afro-brasileiras como fontes legítimas de produção, organização e disseminação de conhecimento. A abordagem aqui desenvolvida reconhece que o enredo, enquanto saber, integra o conjunto de registros que materializam e transmitem saberes, memórias e valores — sobretudo os oriundos de matrizes africanas e da diáspora negra.

Nessa perspectiva, a pesquisa dialoga com a concepção ampliada de documento defendida por autores como Paul Otlet (1990) e Suzanne Briet (2006), mas a reinterpreta a partir de referenciais decoloniais e afrodiaspóricos. Conforme assinala Lélia Gonzalez (1988), as expressões culturais negras no Brasil constituem territórios de resistência e memória, onde se inscrevem cosmovisões próprias. Muniz Sodré (1998) evidencia que práticas festivas, como o carnaval, operam como sistemas de informação pautados na oralidade, na performance e

na corporeidade, modos estes historicamente subalternizados pela colonialidade do saber (Quijano, 2005).

A análise do enredo como documento, nesse sentido, não se limita a sua dimensão estética, mas compreende seu papel como artefato informacional que articula história, política e identidade. Paul Gilroy (1993) aponta que as expressões culturais negras, dentro e fora da África, estão imbricadas em redes transnacionais de significados e lutas, configurando o que denomina de *Atlântico Negro*. Achille Mbembe (2020), por sua vez, oferece subsídios para compreender o carnaval como espaço de re-existência, no qual se reatualizam epistemologias africanas, traduzidas e recriadas no contexto brasileiro.

Assim, esta pesquisa não apenas contribui para ampliar o escopo teórico-metodológico da Ciência da Informação — ao legitimar manifestações culturais negras como objetos e fontes de estudo —, mas também fortalece o campo dos estudos negros, africanos e afrodiaspóricos, ao revelar o enredo carnavalesco como um dispositivo de produção e circulação de conhecimentos que desafia paradigmas eurocêntricos e reconhece a centralidade da experiência negra na construção de memórias e identidades.

Os resultados apresentados inferem que há sim uma produção que pode ser encarada como fruto de uma lógica decolonial. No entanto, há um campo aberto para disputas de poder nesse ambiente. Além disso, ressaltamos que essa lógica decolonial se dá não apenas na camada mais explícita do enredo que aqui entendemos como o desenvolvimento temático, mas principalmente nos elementos sonoros e performáticos da festa.

2 METODOLOGIA

Com uma abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa, partimos de uma proposta transdisciplinar buscando autores que representam escolas de pensamento e vasta produção em seus campos de pesquisa a fim de trabalhar com a literatura já analisada, avaliada e validada pelos pares, procurando minimizar equívocos conceituais.

Nossa revisão de literatura se dá dentro de quatro categorias: a) **Estudos Críticos na CI**, entendo a necessidade de outras visões epistemológicas na área, respaldado nas leituras de Garcez e Sales (2021; 2024), Olson (2002) e Ribeiro (2005); b) **Enredo de escola de samba**, como base em Candeia Filho e Araújo (1978), Simas (2019), Simas e Fabato (2015) e Theodoro (2009); c) **Decolonialidade**, buscando entender os tensionamentos da produção intelectual do Sul Global e como o enredo se situa nesse contexto a partir de Carneiro (2005), Martins

(2003), Mignolo (2003; 2005; 2008), Quijano (2005), Rosevics (2017) e Simas e Rufino (2018); **Memória**, pensando na disputa epistêmica, na luta contra o esquecimento imposto pela colonialidade, Quijano (2005), em sua dimensão performática, oral e corporal, Martins (2003), coletiva e insurgente, Enrique Dussel (2000), pluriversal – são muitas, negadas pelo universalismo colonial, Mignolo (2003).

A partir desse quadro teórico, propomos uma reflexão acerca da importância dos enredos tanto para suas comunidades quanto para o Brasil. Aliando a revisão de literatura com a descrição do objeto empírico, esse trabalho busca evidenciar os aspectos que o qualificam como um produto artístico-intelectual e como as agremiações desempenham um papel de instituições legitimadoras de discursos.

Ressaltamos ainda que o trabalho é um desdobramento de uma pesquisa de dissertação focada em um estudo de caso da agremiação Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Viradouro (GRES Viradouro) situada em Niterói, Rio de Janeiro. Outrossim, outras categorias analíticas importantes que têm se tornado evidentes no campo são raça, gênero e poder, uma vez que a maioria dos desfiles é produzida por mão de obra negra. No entanto, os lugares de decisão como os postos de presidente e carnavalesco, geralmente, são ocupados por homens brancos².

Mais do que poder categorizar ou não como um documento, ao pensarmos nos enredos através dessa tipologia implica também pensar na importância da sua publicidade a fim de possibilitar o seu verdadeiro potencial informacional. Ou seja, em última análise o trabalho se propõe a entender como os enredos fortalecem a construção identitária desses espaços e ajudam a difundir a memória social dos atores envolvidos no seu processo de construção.

3 O CARNAVAL COMO FORMA DE (RE)EXISTÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DO ENREDO COMO UMA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DECOLONIAL

Segundo Simas e Fabato (2015), o enredo é desenvolvido através da combinação de sinopse escrita, fantasias, adereços e música, se dá com meses de antecedência e requer pesquisa e revisão bibliográfica. Ao longo da história das escolas de samba, os enredos se

² Essa inferência é corroborada por pesquisas como as de Nogueira (2015), Oliveira Junior (2017) e Lopes e Simas (2015). Além disso, podemos destacar que no ano de 2025, todas as 12 escolas de samba do grupo especial tiveram carnavalescos homens, sendo apenas 4 negros, dois assinando pela mesma escola.

consolidaram como elementos centrais na construção da narrativa carnavalesca. Muito além de temática ou estética, os enredos operam como registros simbólicos, corporais e discursivos que expressam visões de mundo forjadas nos territórios periféricos da cidade.

A decolonialidade, conforme proposta por Aníbal Quijano (2005), refere-se à necessidade de desarticular os sistemas de dominação que se perpetuam mesmo após o fim formal do colonialismo, especialmente no campo do conhecimento. Segundo o autor, a colonialidade não é um resquício do passado, mas um padrão de poder que organiza a sociedade em termos raciais, epistêmicos e culturais. Nesse sentido, a produção dos enredos pelas agremiações carnavalescas — marcadamente negras, suburbanas e populares — constitui uma prática que desafia as formas hegemônicas de narrar a história do Brasil.

A ideia de espaço de sociabilidade e território que as escolas de samba representam é um reflexo das suas origens na virada do século XIX para o século XX. Destacam-se nesse cenário a figura das “tias baianas” e as suas casas. Esses espaços, como aponta Helena Theodoro (2009, p. 227), funcionavam como pólos culturais de populações de origem africana e seus descendentes que viam nesses ambientes uma oportunidade de manter sua religiosidade e festividades. De acordo com Lopes e Simas (2015) e Theodoro (2009), o canto das baianas são heranças de matriz africana pela maioria dessas mulheres ser iniciada no Candomblé e levar cânticos e palavras usadas nos rituais e nas reverências aos orixás.

O candomblé é uma religião, símbolo de resistência, criada pelas populações vindas da África Ocidental e Central, em especial, os povos iorubás, bantus e fons. Já, em relação ao samba, algumas fontes relatam que suas origens estão associadas às rodas de dança de africanos escravizados, sobretudo a lundu, vinda de Angola. As rodas de dança aconteciam para praticar capoeira, reverenciar orixás ou mesmo socializarem.

Podemos entender que as escolas de samba e as casas das tias baianas, sobretudo na região da Pequena África e no Estácio, acabam exercendo um papel de resistência cultural. Resistência essa feita através de uma tentativa de legitimação do seu fazer no espaço urbano. Esse elemento presente na gênese das agremiações é algo que se perpetua na contemporaneidade, mesmo que por vezes de maneira velada e inconsciente.

Percebemos assim que o fazer da escola de samba passa pela manutenção de ritos e tradições de origem afrodiaspóricas sobretudo no âmbito musical associada à gramática do tambor, uma maneira que as agremiações encontram para manter, de maneira por vezes cifrada, as suas tradições afro-religiosas (Simas, 2019; Simas; Rufino, 2018). Mas reforçamos

também a importância da performance que tem um destaque da participação feminina nos ritos (Theodoro, 2009, p. 229) que reflete na maneira como o samba é executado nas quadras e avenidas.

Atrelado a isso, destacamos ainda que os enredos das escolas de samba por vezes privilegiam “histórias que a História não conta”³, ou seja, perspectivas de resgate de uma memória subalternizada e de personagens preteridos pelo cânone. O fazer artístico do Carnaval acaba sendo uma forma de resistência da construção social latino-americana que Quijano (2005) aponta quando analisa a ideia de superioridade europeia no nosso continente, a colonialidade do poder. Essa produção cultural acaba sendo, em certa medida, uma forma de mediação de saberes que possibilita um rompimento com o pensamento ocidental hegemônico e sua supressão de imaginários locais do Sul Global (Mignolo, 2003; 2005).

É nesse ponto que a noção de fresta (Simas, 2019) nos auxilia a pensar os enredos como atos de (re)existência. Mesmo em contextos de forte censura, repressão ou cooptação pelo capital, as escolas encontraram formas de inscrever suas memórias e visões de mundo na avenida. Essas frestas são os espaços simbólicos onde o saber periférico escapa do silenciamento e se projeta como conhecimento válido, criativo e politicamente potente. Mignolo (2008) reforça esse entendimento ao afirmar que a decolonialidade é uma "desobediência epistêmica" que busca reabilitar modos de conhecer e existir que foram deslegitimados pela racionalidade ocidental moderna.

No entanto, levantamos a seguinte problematização, pensar os enredos como produção de conhecimento decolonial exige também entender os limites desse processo. Se a estética e a temática abordam elementos de resistência negra e periférica, mas sua elaboração é mediada por agentes distantes dessas vivências, qual o grau de autonomia dessa produção? A desobediência epistêmica, para ser plena, precisa ser também autoral, e isso implica refletir sobre quem produz, com quais recursos e com quais narrativas.

Esse reposicionamento da discussão permite, inclusive, revisitar o papel dos enredos na contemporaneidade, em especial frente à chamada "explosão de enredos afros"⁴ e à crescente presença de enredos ditos de cunho progressista. A pergunta que se coloca não é apenas o que é dito, mas quem diz. E é a partir dessa escuta ativa das comunidades, de seus

³ Referência ao enredo de 2019 do GRES Estação Primeira de Mangueira.

⁴ Embora seja um termo de uso recorrente na cobertura midiática, consideramos o termo racista por buscar homogeneizar temáticas que se baseiam na diversidade cultural de países e territórios de África.

criadores e criadoras, que poderemos, de fato, considerar os enredos como produções de conhecimento decolonial.

Se as instituições culturais de memória tradicionais como arquivos, bibliotecas e museus operam por exclusão simbólica por meios de seus acervos, podemos compreender a partir das proposições de Hope Olson (2002) em ampliarmos a compreensão dos agentes produtores de conhecimento, que o enredo é uma forma de registro do conhecimento alternativo onde os saberes da diáspora e dos povos ancestrais são centrais, celebrados e performados. Ele representa uma forma de registro do conhecimento que está alinhada com o “direito à epistemologia própria” defendido por Sueli Carneiro (2005) e Walter D. Mignolo (2003, 2005).

Então, no sentido proposto por Quijano (2005) e Mignolo (2008), a decolonialidade envolve práticas que desestabilizam o “padrão colonial de poder” — aquele que articula exploração econômica, hierarquias raciais e controle epistêmico. O carnaval, especialmente nas suas origens afro-brasileiras (como no samba, maracatu e blocos de rua), pode ser lido como prática decolonial, uma vez que valoriza saberes e expressões estéticas não eurocêntricas (Gonzalez, 1988); reverte a lógica colonial do corpo negro como objeto, transformando-o em protagonista de narrativas culturais próprias (Sodré, 1998); produz epistemologias encarnadas — corpo, música, dança e oralidade como veículos de conhecimento e memória coletiva (Hall, 1997).

Mesmo o carnaval reproduzindo certas estruturas coloniais e patriarcais, como o poder do homem branco no controle financeiro e sua hegemonia em funções centrais como a figura do carnavalesco, há (re) existências como a reapropriação crítica de símbolos e corpos — por exemplo, escolas de samba com enredos sobre Zumbi, Marielle Franco, Malunguinho ou sobre epistemologias africanas.

O carnaval que é, ao mesmo tempo exportado como produto turístico ou midiático para consumo internacional, reforçando a colonialidade do poder (Quijano, 2005) e a colonialidade do gênero (Lugones, 2008), o protagonismo pode se dar de dentro para fora, com autonomia frente ao olhar turístico e mercadológico. Há diversas estruturas ainda a serem desconstruídas, como a redução da mulher negra à figura hiperssexualizada e o controle institucional e econômico. Elementos que retiram a potencialidade emancipatória da produção cultural negra. No entanto, ao caminhar para a superação da estética adaptada ao olhar estrangeiro e ao consumo global, fortalecendo elementos de resistência e

ancestralidade, o carnaval transforma-se em uma potência política, não deixando de carregar a sua ambiguidade de ser ao mesmo tempo mercadoria e resistência, mas também elicitando as disputas por produção de sentido e de conhecimento.

Os documentos precisam deixar de ser dispositivos coloniais de ordenamento do saber, nos quais o conhecimento europeu-moderno é naturalizado como universal, enquanto outros saberes são desqualificados como folclore, superstição ou não-científicos. Essa crítica tem sido incorporada à Ciência da Informação por autores como Fernanda Ribeiro (2005), que propõe a necessidade de uma "descolonização epistemológica" da produção do conhecimento.

Essas abordagens colocam em xeque as concepções dominantes ainda baseadas em princípios de universalidade, objetividade e neutralidade. Ao contrário dessas propostas, as perspectivas críticas e decoloniais buscam um modelo plural, situado e inclusivo, onde as concepções de documento sejam construídas a partir da dialogicidade com os sujeitos e comunidades envolvidas.

O trabalho de Garcez e Sales (2024) ao propor a Escala de Decolonialidade para Estudos em Organização do Conhecimento (EDEOC), revela que, embora haja avanços, muitos trabalhos ainda carecem de aprofundamento teórico nas contranarrativas decoloniais, inclusive na ampliação das concepções de documento e epistemologia. Além disso, Garcez e Sales (2021) investigaram a presença da descolonização na revista *Knowledge Organization*, identificando que, apesar de crescente, o uso explícito de termos como "decolonialidade", a abordagem ainda é limitada. Isso indica a necessidade de maior integração dessas perspectivas nos debates internacionais sobre a ampliação da categoria documento.

Sueli Carneiro (2011) aborda a forma em que a experiência negra no Brasil é marcada por um duplo processo de negação: o da existência (colonialidade do ser) e o do conhecimento (colonialidade do saber). O racismo é um dispositivo de controle que produz sujeitos subalternizados e invalida as formas de saber produzidas por esses sujeitos. "O racismo epistemológico nega ao negro a condição de produtor de conhecimento legítimo, rebaixando seus saberes à condição de mitos ou crendices" (Carneiro, 2011, p. 38).

Esse apontamento nos reforça a necessidade de contrapor a visão domesticada e passiva da população negra, com estudos afrocentrados a exemplo das perspectivas de Lélia Gonzalez (1988) e Abdias do Nascimento (1989). De acordo com Gonzalez, reduzir o carnaval a um espaço de "inversão simbólica" e "contenção social" acaba por ignorar o protagonismo

histórico, cultural e político do povo negro na construção da cultura brasileira. Cabe também delimitar essa integração do negro simbolicamente no carnaval, uma vez que essa integração é seletiva, superficial e mediada por estereótipos. O que se exalta no negro é sua performance (o corpo, o ritmo, a alegria), mas não se valoriza sua consciência histórica ou seu papel político. É importante extrapolar a compreensão do negro como um “elemento” do ritual carnavalesco, para percebê-lo como sujeito histórico e político, cuja cultura moldou profundamente a identidade brasileira. Portanto, o carnaval brasileiro, frequentemente descrito como manifestação cultural ou festa popular, carrega uma dimensão mais profunda quando analisado a partir de uma perspectiva afrodiaspórica e decolonial.

Muniz Sodré (1998), ao discutir o “terreiro e a cidade”, demonstra que espaços festivos negros são também lugares de preservação e atualização de uma cosmovisão própria, onde corpo, música, dança e oralidade operam como formas de conhecimento, transmissão e afirmação identitária. Essa leitura desloca a compreensão do carnaval de um mero espetáculo para o turista ou de um produto da indústria cultural, para entendê-lo como prática de re-existência (Mbembe, 2020).

Paul Gilroy (1993), em *The Black Atlantic*, reforça que expressões culturais da diáspora negra articulam-se como redes transnacionais de significação, nas quais a estética e a política estão intrinsecamente ligadas. Nesse sentido, o carnaval brasileiro é portador de informação étnico-racial negra e antirracista, não apenas por seu protagonismo de comunidades negras, mas também por sua capacidade de narrar histórias e valores invisibilizados pela colonialidade do poder (Quijano, 2005).

Essa abordagem exige, portanto, a demarcação explícita de que o carnaval contém e comunica uma cosmovisão própria de grupos de origem africana, estruturada em princípios de coletividade, ancestralidade e resistência. Reduzi-lo ao campo da “cultura popular” ou a um “produto turístico” apaga seu papel enquanto prática política, pedagógica e epistemológica, e desconsidera que sua vitalidade está na capacidade de afirmar modos de ver, sentir e estar no mundo que desafiam a hegemonia eurocêntrica.

4 MALUNGUINHO, DE FORAGIDO A HERÓI: A PESQUISA DO GRES VIRADOURO PARA PRODUÇÃO DO SEU ENREDO DE 2025

Propomos uma breve análise do enredo de 2025 do GRES Unidos do Viradouro, “Malunguinho – mensageiro de três mundos”. Aliando uma pesquisa documental com a

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

pesquisa de campo nos terreiros de Jurema em Pernambuco, a equipe de produção do enredo da Viradouro busca resgatar a figura de Malunguinho como um personagem da construção nacional e símbolo de resistência. Conforme apontado na justificativa do enredo no Livro Abre-Alas (Liesa, 2025):

O único registro oficial da passagem de João Batista pelo plano terreno apenas comunicava sua morte. O documento produzido pela polícia pernambucana, datado de 18 de setembro de 1835, foi tornado público há poucas décadas e fala muito sobre o dito e o não dito a respeito dos monumentos míticos e místicos erguidos pelo povo.

Subvertendo os registros documentados nos quais João Batista é visto como um foragido da justiça acusado de agitação social e formação de motins, o enredo dá uma materialidade nova ao personagem. Esse processo é feito a partir da escuta em terreiros que buscam manter viva a imagem de Malunguinho. João Batista é trazido então como um líder abolicionista, herói quilombola e entidade religiosa. Reis Malunguinho é cabloco, mestre e exu-trunqueiro.

Vemos assim que a pesquisa do enredo passa por caminhos outros da formação de conhecimento. A oralidade, a religiosidade e a performance musical servem como fontes de registro da figura analisada. Para além da bibliografia clássica, inclusive apresentada na seção de referências do Abre-Alas, se vale de espaços de memória para apresentar Malunguinho. Conforme presente na justificativa do enredo, “na Jurema, Malunguinho não é apenas detentor da chave para a libertação do cativo, mas também abre as portas do imaginário para a emancipação de uma consciência anticolonial”.

Nessa perspectiva, o *enredo* pode ser compreendido como um registro de conhecimento, um instrumento de resistência à colonialidade do ser e do saber. Ao apresentar a história de João Batista, reis Malunguinho, a Viradouro e sua comunidade, por meio da performance no desfile produzem diversos conhecimentos sobre o Quilombo do Catucá, os rituais da jurema, os rituais do tabaco, a encruza entre os saberes e cultos indígenas dos Kariri-Xocó, Fulniô e Xukuru-Kariri da região com os rituais bantu vindos de Congo e Angola. A Viradouro aponta o hibridismo do encontro dessas culturas na figura do cabloco da mata e a importância desse encontro na resistência da falange dos malungos aos colonizadores, invasores, destruidores da região, por meio do fogo nas plantações de cana-de-açúcar. Enfatiza o conhecimento do povo da mata a partir da ciência dos pajés, e da consciência da proteção ambiental a partir dos seres sagrados como os encantados dos rios e os sentinelas da mata.

Ao incluir mitologias bantu e indígenas, saberes ancestrais, religiosidades afro-indígenas e cosmovisões negras, o enredo da G.R.E.S Viradouro desafia o racismo epistêmico apontado por Carneiro (2005). Ele rompe com o modelo universalista eurocêntrico de produção de conhecimento e promove o que a autora chama de enegrecimento do saber. Isso reflete inclusive na montagem do desfile que subverte a ordem tradicional em prol do entendimento da figura referenciada nos seus locais de manifestação.

A maneira como a temática é abordada é fruto da encruzilhada na qual as agremiações se encontram e foram fundadas, uma encruzilhada que envolve disputa, negociações, incorporações de elementos de culturas diversas. Essa posição da encruzilhada é também destacada por Martins (2003, p. 65) como um operador conceitual que emerge de processos inter e transculturais.

Assim, a Viradouro colabora para a ressignificação da figura de Malunguinho dando ao personagem uma projeção ainda maior. Nesse processo, a agremiação atua como uma instituição legitimadora de discurso e a memória construída nesse ambiente então tem um peso de manutenção e resgate já que, como aponta Pollak (1992), a construção coletiva da memória auxilia a determinar o que é lembrado e a força do grupo social influencia nas disputas das narrativas sobre os acontecimentos.

Essa posição de resgate é encarada como missão pela agremiação ao colocar textualmente na sua justificativa a seguinte passagem, “a Unidos do Viradouro continua a perseguir a missão de trazer uma interpretação artística popular dos cultos, crenças e sagas de um Brasil pulsante em suas entranhas.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão levantada ao longo do trabalho nos leva então a entender que os enredos são sim produções documentais atravessadas por uma lógica de saberes decoloniais. Esse entendimento, no entanto, precisa ser compreendido na totalidade da produção em uma análise que privilegie os aspectos para além do desenvolvimento temático.

No papel de instituições legitimadoras, as agremiações historicamente são locais de organização popular. Ainda que na contemporaneidade a lógica mercadológica da festa seja um fator preponderante, há sempre o elemento de disputa e de (re)existência nas frestas.

Respeitar os ritos, manter viva a estrutura performática e rítmica são maneiras de resistência. Além disso, essa preocupação com o identitário do fazer artístico das escolas de

samba e, portanto, dos enredos é um elemento central para evidenciar a sua importância. A partir dessa perspectiva, acreditamos ser possível evidenciar as marcas que reforçam a importância dos documentos produzidos a partir dos enredos e seu peso dentro da comunidade para sua cultura. Reforçamos ainda que embora as posições de poder, no geral, estejam nas mãos de homens brancos, há um movimento de disputa por esses espaços. Enredistas e carnavalescos negros vem tendo mais destaque e usam essa sua posição para vocalizar a necessidade de ainda mais avanços.

Quando esse processo é mediado por uma elite intelectual externa, corre-se o risco de uma reconfiguração colonial do fazer cultural, ainda que travestida de reconhecimento e valorização. Terminamos a reflexão com a seguinte provocação: quando há de se chegar o momento em que os heróis de barracão voltarão de maneira definitiva ao centro criativo do espetáculo?

REFERÊNCIAS

BRIET, Suzanne. **What is Documentation?**. Lanham: Scarecrow Press, 2006.

BUCKLAND, Michael. What is a “document”? **Journal of the American Society for Information Science**, [S. l.], v. 48, n. 9, p. 804-809, 1997. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EdbertoFerneda/what-is-a-document.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2026.

BUCKLAND, Michael. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, [S. l.], v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: <https://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Buckland1991.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2026.

CANDEIA FILHO, Antônio; ARAÚJO, Isnard. **Escola de samba: árvore que esqueceu a raiz**. Rio de Janeiro: Lidador/SEEC, 1978.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

FROHMANN, Bernd. Documentation redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. **Library Trends**, [S. l.], v. 52, n. 3, p. 387-407, 2004. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/items/1775>. Acesso em: 10 fev. 2026.

GARCEZ, Dirnele Carneiro; SALES, Rodrigo de. A Escala de decolonialidade para estudos em organização do conhecimento (EDEOC) e o enfrentamento às violências colonizadoras. **Tendências da Pesquisa em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 17, p. 1-22, 2024. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/688>. Acesso em: 10 fev. 2026.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

GARCEZ, Dirnele Carneiro; SALES, Rodrigo de. Decolonizando a organização do conhecimento: um olhar do periódico Knowledge Organization (2000-2020). **Tendências da Pesquisa em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 14, 2021. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/562/498>. Acesso em: 28 abr. 2025.

GILROY, Paul. **The black atlantic: modernity and double consciousness**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, [S. l.], n. 92/93, p. 69-82, 1988. Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-elia-gonzales1.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2026.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage, 1997.

HJORLAND, Birge. **Information Seeking and subject representation: an activity-theoretical approach to Information Science**. Westport: Greenwood Press, 2002.

LIESA. **Livro Abre-Alas 2025**. 2025. Disponível em: <https://liesa.globo.com/downloads/carnaval/abre-alas25/Domingo.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2025.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. **Filosofias Africanas: uma introdução**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, [S. l.], n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 12 abr. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 4. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais: perspectivas Latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em:

https://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf. Acesso em: 27 abr. 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

NOGUEIRA, Oracy. Carnaval e hierarquia racial. *In*: NOGUEIRA, Oracy **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem**. São Paulo: Edusp, 2015. p. 123-146.

OLIVEIRA JUNIOR, Mauro Cordeiro de. Carnavalescos e as escolas de samba S/A: produção simbólica, indústria cultural e mediação. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, [S. l.], n. 24, 2017, p. 232-255. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17463>. Acesso em: 24 abr. 2025.

OLSON, Hope A. **The power to name: locating the limits of subject representation in libraries**. Dordrecht: Kluwer, 2002.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941>. Acesso em: 10 fev. 2026.

OTLET, Paul. **Treatise on documentation: the book on the book, theory and practice**. Amsterdam: Elsevier: North-Holland, 1990.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 09 abr. 2025.

RAYWARD, W. Boyd. Visions of Xanadu: Paul Otlet (1868–1944) and hypertext. **Journal of the American Society for Information Science**, [S. l.], v. 45, n. 4, p. 235-250, 1994. Disponível em: [https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199405\)45%3A4%3C235%3A%3AAID-ASI2%3E3.0.CO%3B2-Y](https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/(SICI)1097-4571(199405)45%3A4%3C235%3A%3AAID-ASI2%3E3.0.CO%3B2-Y). Acesso em: 10 fev. 2026.

RIBEIRO, Fernanda A. **Epistemologia e Ciência da Informação: perspectivas de uma disciplina científica**. Porto: Edições Afrontamento, 2005.

RIBEIRO, Cláudia da Silva. A Ciência da Informação e as culturas periféricas: por uma abordagem crítica da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 102-115, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/i/2011.v16n3/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SIMAS, Luiz Antônio; FABATO, Fábio. **Para tudo começar na quinta-feira: o enredo dos enredos**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2015.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

de Janeiro: Mórula Editorial, 2018.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**. Salvador: Imago, 2002.

THEODORO, Helena. Guerreiras do samba. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2009. DOI: 10.12957/tecap.2009.12169. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tecap/article/view/12169>. Acesso em: 10 fev. 2026.

THIONG'O, Ngũgĩ Wa. **Descolonizar a mente**: a política da linguagem na literatura africana. São Paulo: UNESP, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, Maria Laura. **Carnaval carioca**: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: possibilidades e desafios. **Educação e Sociedade**, [S. l.], v. 30, n. 109, p. 15-37, 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/484685590/document-onl-walsh-catherine-interculturalidade-critica-e-pedagogia-decolonial-pdf>. Acesso em: 10 fev. 2026.